

RESUMO - LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - LETRAS

**VOZES FEMININAS E RESISTÊNCIA NA LITERATURA AFRICANA
LUSÓFONA: UM ESTUDO COMPARATIVO DO LUGAR DA MULHER NAS
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Luisa Da Silva Molezom (luisamolezom@ufrj.br)

Luís Carlos Alves De Melo (luiiscam@outlook.com)

O presente estudo analisou de forma comparada o modo como as vozes femininas são representadas em diferentes perspectivas no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa e de que forma tais representações são elaboradas literariamente. Para tanto, utilizamos como corpus literário as obras: *Niketché* (2021), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, *A Última Tragédia* (2011) do escritor guineense Abdulai Sila, *A Candidata* (2012) da caboverdiana Vera Duarte e *A Rainha Ginga* (2014), do angolano José Eduardo Agualusa, Angola). À luz dos estudos culturais, o corpus literário foi escolhido por evidenciar, em diferentes contextos nacionais, questões centrais como identidade, colonialismo, resistência e protagonismo feminino, constituindo narrativas que dialogam com processos históricos de opressão e emancipação. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, foi fundamentada em perspectivas teóricas e estudos que problematizam os legados coloniais e as formas de resistência cultural e formação identitária. Nesse sentido, dialogamos com Césaire (1978), Fanon (1968), Mudimbe (2013), Boahen (2010), Spivak (2010), Leite (2012), Chaves e Macedo (2006), Carvalhal (2007), Hall (2011), entre outros autores que destacaram as especificidades das literaturas africanas de língua portuguesa como espaços de inscrição da

diferença e de contestação. No exame das obras, observamos que Niketche problematizou a poligamia e a condição feminina em Moçambique, contrapondo tradição e modernidade e revelando a solidariedade entre mulheres como mecanismo de resistência. A Última Tragédia evidenciou o apagamento identitário e a opressão colonial em Guiné-Bissau, ressaltando a exploração dos corpos femininos e a imposição religiosa como mecanismos de dominação. Em A Candidata, o destaque se deu pela luta da mulher cabo-verdiana pela inserção política e pela justiça social, representando a passagem do espaço privado para o público como forma de emancipação. Já A Rainha Ginga reconstruiu ficcionalmente a figura histórica de Nzinga Mbande, rainha angolana que desafiou o poder colonial e simbolizou a liderança feminina em meio ao embate entre culturas africanas e europeias. Os resultados demonstraram que, embora situadas em contextos específicos, as quatro narrativas convergem na desconstrução de discursos coloniais e patriarcais, bem como na valorização das identidades africanas. Nesse sentido, concluímos que o conjunto de romances analisados projeta a mulher não apenas como vítima de estruturas de opressão, mas como sujeito histórico e político capaz de reconfigurar práticas de resistência, o que nos leva a afirmar que as literaturas africanas de língua portuguesa se constituem como um espaço de memórias, denúncias e transformações que se reafirma através de um processo de resistência constante e permanente.

Palavras-chave: literaturas africanas de língua portuguesa; vozes femininas; memória; identidade cultural; resistência.